

O “MUNDO DA ARTE” E A DEFINIÇÃO DE ARTE: Por que uma caixa de esponja é arte?



Prof. Luan Corrêa da Silva

INTRODUÇÃO

- A teoria imitativa da arte: original e cópia.
- A teoria estética moderna: beleza e sublimidade.
- Duchamp e a crise na definição de arte: *Fountain* (1917) e *L.H.O.O.Q.* (1919).

Fountain (1917),
Marcel Duchamp



e L.H.O.O.Q. (1919),
Marcel Duchamp



INTRODUÇÃO

- Clement Greenberg: *Pintura modernista* (1960).
- Ausência de um critério para o artístico.
- Problema ontológico: o que é arte?
- Problema da aula: como é possível chamar esponjas de aço de “arte”?
- Arthur Danto (1924-2013) e o artigo ***O mundo da arte*** (*The Artworld*, 1964).

- **1. O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO DE ARTE**

• 1. O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO DE ARTE •

- Definição: **essência** da obra de arte.
- Semelhanças de família: Morris Weitz, *O papel da teoria na estética* (1956), William Kennik, *A estética tradicional repousa em um erro?* (1958).
- Barnett Newman: “a estética está para a arte como a Ornitologia está para os pássaros”.

Bed,
Robert
Rauschenberg,
1955,
MoMA



• 1. O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO DE ARTE •

- Teoria da imitação X Teoria da realidade: os **indiscerníveis**.
- Danto: “Se alguém pode fazer o fac-símile de um ser humano a partir do bronze, por que não o fac-símile da caixa de Brillo a partir do compensado?” (*The Artworld*, 1964, p. 21).

*Brillo Box,
Andy Warhol,
1962,
MoMA*



• 1. O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO DE ARTE •

- Problema: “Que semelhança de família poderia ser maior do que entre a obra Brillo Box e as caixas de embalar Brillo? Eram como gêmeos idênticos!” (*Crítica da arte após o fim da arte*, 2005, p. 8).
- Por que uma caixa de esponja é arte? Vale tudo na arte?

- **2. O MUNDO DA ARTE**

2. O MUNDO DA ARTE

- Conceito de definição: o “é” da pergunta socrática.
- Critério intrínseco X extrínseco: **definição relacional.**

2. O MUNDO DA ARTE

- Definição de Danto: i) ***Aboutness*** (sobre-o-quê); ii) **Mundo da arte**.
- i) ***Aboutness*** (sobre-o-quê): conteúdo semântico, interpretação e teoria.
 - **Linguagem** e metáfora: o “é” da identificação artística – entimema (Aristóteles, *Retórica*).



Distinguir obras de arte de outras coisas não é assunto tão simples, mesmo para falantes nativos [Weitz, Kennik], e hoje em dia, um indivíduo poderia não estar ciente de que está em terreno artístico sem uma teoria artística que o alerte disso. E parte da razão reside no fato de que aquele terreno é constituído como artístico em virtude de teorias artísticas, de modo tal que uma aplicação das teorias, além de nos ajudar a discriminar arte do resto, consiste em tornar a arte possível. (Danto, The Artworld, 1964, p. 14)

2. O MUNDO DA ARTE

- **A arte contemporânea é conceitual.**
- **ii) O mundo da arte:** contexto, “atmosfera teórica” + história da arte e a Brillo Box.
 - Teoria: filosofia, crítica, círculos de convivência artística.
 - **Contexto:** teórico, histórico, cultural, institucional e cotidiano.



*O que no final das contas faz a diferença entre uma caixa de Brillo e uma obra de arte que consiste em uma Brillo Box é **uma certa teoria da arte**. É a teoria que a eleva ao mundo da arte, e a impede de colidir com o objeto real que ela é [...]. Obviamente, sem a teoria, é improvável que alguém a veja como arte, e para vê-la como parte integrante do mundo da arte, é preciso ter dominado uma boa parte da teoria artística, assim como uma quantidade considerável da história recente da pintura de Nova York...*



*...Ela não poderia ter sido arte há cinquenta anos. [...] O mundo precisa estar preparado para certas coisas, o mundo da arte não menos que o mundo real. **É o papel das teorias artísticas, hoje e sempre, fazer o mundo da arte, e a arte, possíveis.** Jamais ocorreu aos pintores de Lascaux [cavernas com pinturas rupestres], eu presumo, que eles estivessem produzindo arte naquelas paredes. Não, a menos que houvesse estetas neolíticos. (Danto, The Artworld, 1964, p. 22).*

2. O MUNDO DA ARTE

- **Razões constitutivas** e jogos de linguagem: história de atenuação da definição de arte.
- Danto: “Nenhuma Brillo Box seria possível na Pequim do século XVIII, nem na Amsterdã do século XVII, mas em 1964 o mundo da arte havia se aberto o suficiente para acomodar as Brillo Boxes.” (*Responses and replies*, 1993).

- **3. OBSERVAÇÕES FINAIS**

3. OBSERVAÇÕES FINAIS

- O **fim da arte**: “tradicional/pré-modernista”, “modernista” e “contemporânea”.
- Brillo Box na Alfândega.



O mundo da arte, claramente, não é um corpo que age de modo uno: nós certamente não o definiríamos como todos – e apenas aqueles que consideraram a Brillo Box uma obra de arte em 1964 – isso traria a mim, um filósofo, para dentro do mundo da arte e excluiria o diretor da National Gallery do Canadá, sem falar na proprietária da galeria que as exibiu, quando sentiu que havia sido enganada. E isso certamente exclui o artista que arruinou o livro de assinaturas, para não mencionar vários críticos muito sofisticados. Além disso, a pop art foi de fato popular – um grande número de pessoas comuns adorou as latas de sopa Campbell’s, em parte, talvez, porque os “experts” as odiavam. (Beyond the Brillo Box, 1992, p. 33-53).



Uma distinção deve ser feita entre ter razões para crer que algo seja uma obra de arte e algo ser uma obra de arte dependendo das razões para que o seja. Um inspetor de alfândega pode realmente usar o fato de que o diretor de um museu nacional disse que alguma coisa é arte como uma razão para crer que ela o seja, simplesmente pela posição ocupada por diretores nas estruturas de especialização. Mas a sua declaração de que aquela é uma obra de arte não é uma razão para que ela o seja.



Entretanto, ser uma obra de arte é dependente de algum conjunto de razões, e nada pode ser uma obra de arte fora do sistema de razões que deu a ela aquele estatuto: obras de arte não o são por natureza. Uma rosa é uma rosa qualquer que seja seu nome, mas uma obra de arte não o é. (Beyond the Brillo Box, 1992, p. 33-53).

REFERÊNCIAS

Primária:

DANTO, Arthur. O mundo da arte. Tradução de Rodrigo Duarte. **ArteFilosofia** – Revista de Estética e Filosofia da Arte do Programa de Pós-graduação em Filosofia – UFOP, n. 1,2006.

Secundárias:

COSTA, Raquel. Arthur Danto e a experiência estética. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 139, p. 255-69, 2018,. DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-512X2017n13913rc>.

DANTO, A. **A Transfiguração do Lugar-Comum**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

DANTO, Arthur. The art world revisited: comedies of similarities. In: DANTO, Arthur C. **Beyond the Brillo Box**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1992, p. 33-53.

DANTO, Arthur. C. Crítica de arte após o fim da arte. Tradução de Miguel Gally, Clarissa Barbosa e Leandro Aguiar. **Viso**: Cadernos de estética aplicada, v. VII, n. 14, p. 1-17, 2013.

DICKIE, George. Definindo arte: intensão e extensão. In: KIVY, P. (Org.). **Estética: fundamentos e questões de Filosofia da Arte**. São Paulo: Paulus, 2008.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Débora. P. Ontologia da arte: da análise categorial à narratividade histórica. **Artefilosofia - Revista de Estética e Filosofia da Arte do Programa de Pós-graduação em Filosofia – UFOP**, v. 6, n. 11, dezembro 2014.

GREENBERG, Clement. **Clement Greenberg e o debate crítico**. Organização, apresentação e notas de Glória Ferreira e Cecília Cotrim de Mello; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Funarte Jorge Zahar, 1997, 280p.

KENNIK, William E. Does traditional aesthetics rest on a mistake? In: **Mind**, vol. 67, n. 267, jul. 1958, p. 317-334.

SILVEIRA, Cristiane. O mundo e os mundos da arte de Arthur C. Danto: uma teoria filosófica em dois tempos. **ARS** (São Paulo), v. 12, n. 23, 2014, p. 51-77. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2014.82833>.

WEITZ, Morris. The role of theory in aesthetics. In: **The journal of aesthetics and art criticism**, vol. 15, n. 1, set. 1956, p. 27-35.